

RICARDO CAPELLI**'O provão está piorando a qualidade do ensino'**

• Ele não foi cara-pintada, participou da primeira passeata há quatro anos, mas fala como um veterano do movimento estudantil. Eleito presidente da UNE, o carioca Ricardo Capelli, de 25 anos, ligado ao PCdoB, já sabe o que vai priorizar em sua gestão: uma guerra sem tréguas ao "projeto neoliberal" do governo e ao provão do MEC.

Chico Otávio

O GLOBO: Quando insiste no boicote ao provão, a UNE corre o risco de afastar-se de suas bases, que estão aderindo ao exame do MEC?

RICARDO CAPELLI: A UNE nunca impedi o aluno de fazer a prova. Pedimos para entregá-la em branco. Nossa intenção, agora, é iniciar uma nova ofensiva. Vamos propor aos diversos setores universitários que façam uma auto-avaliação, mostrando a situação de seus laboratórios, das publicações científicas etc. Num segundo momento, achamos que as universidades devem sofrer uma avaliação externa, feita por um conjunto de setores da sociedade. O curso de engenharia, por exemplo, por ser avaliado pelos conselhos de engenharia e outras entidades afins. A proposta está sendo amadurecida.

• E os alunos? Em nenhum momento serão avaliados?

CAPELLI: O aluno vai ser avaliado no decorrer desse processo. Prova no final do curso não adianta. Tenho provas de que o provão, na prática, está piorando a qualidade do ensino. O último ano do aluno está sendo transformado em cursinho para o exame. Essas faculdades não estão interessadas em formar o aluno.

• No congresso encerrado domingo, em Belo Horizonte, a proposta de eleição direta para presidente da UNE foi derrotada. Por que a entidade resiste tanto em mudar sua estrutura de poder?

CAPELLI: O conjunto dos estudantes entendeu que a eleição congressional é mais democrática. Eleição direta levaria à partidarização. Com que dinheiro o candidato poderia correr o país inteiro, a não ser com o financiamento de algum partido? O estudante, no congresso, pode conhecer outros colegas e montar uma chapa. É um congresso de debates. Não se vota em pessoas, mas no plano apresentado pelas chapas.

• Ao ser eleito, você prometeu empenhar-se na conciliação das correntes internas do movimento estudantil. Como isso será possível?

CAPELLI: Esse é um dos objetivos centrais de nossa chapa: buscar uma grande unidade para derrotar o projeto neoliberal do governo, que está expulsando o aluno de sala de aula. O congresso de Belo Horizonte deu um salto importante. A chapa vitoriosa unificou as diversas correntes e recebeu 75% dos votos. Isso demonstra o grau de maturidade do movimento. Mais importante do que aquilo que nos separa é aquilo que nos

une.

• Por que a participação política do universitário vem caindo com o passar dos anos?

CAPELLI: Temos que discutir que politização é essa. O estudante pode não ter um interesse maior pela macropolítica, mas entende perfeitamente que as mensalidades estão aumentando porque o governo autorizou. Também sabe o que ocorre quando entra na sala e não encontra o professor, que aderiu aos planos de demissões voluntárias e não foi substituído. Ele sente na pele as consequências da política do governo.

• Por que temas importantes, como as dificuldades de inserção no mercado de trabalho, nunca são priorizadas pela UNE?

CAPELLI: Uma das campanhas mais importantes da gestão passada foi pelo primeiro emprego. Daremos continuidade a ela. O assunto, contudo, merece uma profunda discussão. Não adianta brigar pela qualidade do ensino se, quando o aluno chega ao mercado de trabalho, não há emprego. O que mais existe hoje é empresa, em busca de mão de obra barata, oferecendo vaga para estagiários. Não adianta discutir o desempenho sem falar novamente da política do governo.

• Home-page na Internet, telefones celulares. A UNE aderiu à modernidade?

CAPELLI: Algumas pessoas estão abordando isso de forma pejorativa. Temos que utilizar ao máximo esses instrumentos para divulgar nossas idéias. Dentro do possível, quero contar com a ajuda da tecnologia para mostrar ao País o que pensamos.

• O que levou a UNE a defender a introdução do tema homossexualismo nas disciplinas de orientação sexual?

CAPELLI: Não é papel do Estado e de ninguém discriminar a opção sexual de um cidadão. Uma das formas de combater a discriminação é promover o debate. Daí, a aprovação da proposta.

• A exemplo de Aldo Rebelo e Lindberg Faria, você pretende fazer carreira política depois de deixar a presidência da UNE?

CAPELLI: Não sou contra as pessoas que se candidataram. Acho que o movimento estudantil precisa estar representado no Congresso. No entanto, estou dedicado de corpo-e-alma à UNE, uma entidade histórica, que está fazendo 60 anos. Hoje, só consigo pensar no que farei amanhã.

• Dizem que líder estudantil, geralmente, é gasteiro. Você pretende continuar freqüentando as aulas de Processamento de Dados na Universidade Estácio de Sá?

CAPELLI: A sede da UNE fica em São Paulo, o que dificulta um pouco, mas quero continuar estudando. Vou tentar uma transferência e cursar pelo menos duas disciplinas por semestre.